

## O ESTÉTICO E O ÉTICO<sup>1</sup>

Soren Kierkegaard

O que significa viver estética e o que significa viver eticamente? Quero responder a isso: o estético no homem é aquilo por que ele devém aquilo que devém. Quem vive no e do estético, por meio e pelo estético vive esteticamente.

O homem ético é como a água tranquila que tem grande profundidade; ao contrário, quem vive esteticamente é movido só na superfície. O lema do homem estético é: *in vino veritas*.

Todo homem, mesmo com poucos dons e de condição inferior, tem uma necessidade natural de criar uma concepção da vida, uma representação do significado e da finalidade da vida. Também aquele que vive esteticamente age do mesmo modo, e a expressão comum a todos os tempos e todos os estádios do estético é: é preciso gozar a vida. Naturalmente o conceito de gozo aumenta de acordo com cada representação de prazer, mas todos concordam que é preciso gozar a vida. Entretanto, **quem afirma querer gozar a vida subordina sempre a própria vida a uma condição que reside ou fora do indivíduo, ou no próprio indivíduo, mas esta condição em tal caso não foi colocada por ele.**

Quem é estético não pode explicar a si num senso mais profundo, pois vive constantemente apenas no momento, porque conhece a si apenas numa determinada relatividade e dentro de um determinado confinamento. Não nego que uma vida estética, quando alcance seu mais alto grau, exija uma boa quantidade de dons espirituais, e que estes devam ser bastante desenvolvidos, contudo são privados de autoconsciência e liberdade...

És espirituoso, irônico, bom observador e dialético, esperto no gosto, sabes aproveitar a ocasião, és sentimental segundo as circunstâncias;

---

<sup>1</sup> Texto tirado de KIERKEGAARD, S. *Breviario*. Milão: Il saggiatore, 1959, p. 25-45. Tradução de Enio Paulo Giachini.

mas, apesar disso tudo, vives sempre no momento. Assim, tua vida se resolve nas particularidades e te é impossível explicá-la. Se alguém quiser aprender a arte de gozar, faz bem em te procurar, mas se quiser compreender tua vida, tu não podes ajudá-lo em nada.

O indivíduo estético pode ser percebido por sua concreta e sempre distingue **entre e entre**. Ele vê que algumas coisas lhe pertencem por acaso, outras por essência. No mais, essa divisão é absolutamente relativa; de fato, na medida em que um homem vive apenas esteticamente, qualquer coisa lhe pertence igualmente de modo casual, e é só por falta de energia que um indivíduo estético se apega a essa diferença.

Dizes que a vida é um disfarce de máscaras, e que para ti essa é uma fonte inexaurível de diversão e que ninguém ainda teve o benefício de te conhecer; quando te revelas, é sempre um engano. É só assim que podes respirar e impedir que se penetre até a ti, impedindo-te de respirar. Tua atividade consiste em custodiar teu esconderijo, e isso te sucede porque tua máscara é a mais enigmática de todas; de fato, tu mesmo nada és, só existes na relação com os outros, e o que és o és por essa relação. Colocas languidamente a mão sobre uma jovem pastorinha, e nesse mesmo instante te transformas num pastor sentimental; enganas um venerável pai espiritual com um beijo fraterno. Por ti mesmo, nada és, uma figura enigmática...

Por maiores que sejam as diferenças no interior do estético, todos os seus aspectos concordam essencialmente no fato de que o espírito não é uma conquista consciente de si, mas um dado imediato. As diferenças podem ser extraordinárias, desde a total falta de espírito até o máximo grau de plenitude espiritual; mas também no estético mais rico em espiritualidade o espírito é um dado.

Quando a personalidade é compreendida como algo de imediato, não no plano espiritual, mas no físico, temos uma concepção da vida que ensina que a saúde é o bem mais precioso sobre o qual tudo repousa; num grau mais elevado, o mesmo conceito soa: a beleza é o sumo bem. No entanto, a beleza é um bem muito frágil: essa concepção de vida possui, pois, diminuta possibilidade de realização. É muito comum encontrar uma menina ou um jovem que por breve tempo se exaltam de sua beleza, mas logo logo esta se esvai...

Essas duas concepções de vida concordam numa coisa: é preciso gozar a vida e a condição para isso reside no próprio indivíduo, embora essa condição não tenha sido posta por ele.

Encontramos outras concepções da vida compreendida como gozo: todas colocam o significado da existência fora do indivíduo. Assim acontece, por exemplo, quando se considera riqueza, fama, nobreza, fim e condição. Também quero recordar um certo modo de amar. Se imagino uma garota que ama com toda alma, cujos olhos não conhecem outra alegria se não olhar para o amado, cuja alma nada mais pensa senão nele, cujo coração não tem outro desejo que pertencer a ele, sendo que nada tem mais importância para ela fora dele – nem no céu, nem na terra –, ali nos deparamos com uma concepção da vida cuja condição é posta fora do indivíduo...

Ademais, a vida pode ser compreendida como gozo de quem coloca a razão de ser no próprio indivíduo: mas essa razão de ser mais uma vez não é intrínseca ao indivíduo, não foi escolhida por ele. São os casos em que a personalidade é definida como talento. Existe um talento prático, comercial, matemático, poético, artístico, filosófico: a satisfação da vida. O gozo é procurado no exercício desse talento. Naturalmente, quando se tem um talento, procura-se aguçá-lo de todos os modos, mas o próprio talento dessa forma de vida continuará sendo sempre um dado.

Essas concepções estéticas de mundo se assemelham apenas nisso, pois possuem certa unidade, um certo nexos. O suporte de tudo é algo determinado. Aquilo sobre o que edificam a sua vida é algo singular, e assim não se quebra como a vida daqueles que a edificam sobre algo em si múltiplo. Também esses ensinam: goza a vida; e interpretam isso assim: goza do prazer. Mas, em si, o prazer é uma multiplicidade, e assim sua vida deve estilizar-se numa multiplicidade infinita... No prazer o indivíduo é imediato, por mais que seja aperfeiçoado e refinado, por mais sofisticado que seja; vive sempre no instante, e por mais múltiplo que possa ser nessa relação, continua sendo constantemente imediato...

É raro ver realizadas em grande estilo essas concepções, mas não é raro ver pessoas que as vivem às cegas, e quando faltam as condições, estas asseveram que se tivessem se mantido intactas seria certo que teriam alcançado a felicidade e a alegria que buscavam na vida. Na história podemos encontrar alguns exemplos. Afirmo ser útil observar onde leva essa concepção, mesmo quanto é favorecida em todos os seus aspectos e quero expor um desses personagens. Escolho um homem onipotente, o imperador Nero, frente a quem o mundo se dobrava, pois estava sempre rodeado por uma turba de servidores voluntários do prazer. Com teu gosto costumeiro pelo paradoxo, observastes certa vez que Nero não deveria ser julgado tanto por ter mandado incendiar a Roma, para representar o incêndio de Tróia: mas perguntar-se se soube apreciar o espetáculo de um ponto de vista artístico. Essa é uma de tuas

vontades imperiais: não ter-te jamais assustado frente a nenhum pensamento. É por isso que não precisa de guarda imperial, de ouro ou de prata, de nenhum tesouro do mundo; é possível fazer isso sozinho e com toda calma: é mais inteligente mas não menos terrível. É claro que não foi tua intenção defender Nero, e todavia há uma espécie de defesa quando atrai a atenção não no que fez mas como o fez. De resto, sei que essa audácia do pensamento é frequente nos jovens, que nessas horas medem suas forças com o mundo e ao mesmo tempo caem facilmente na tentação de superar a si mesmos, sobretudo quando há outros a ouvi-los. Sei que tu, como eu e qualquer outro, inclusive o próprio Nero, ficaria chocado frente a tamanha desordem. Mesmo assim, jamais aconselharia alguém de estar tão seguro de sua força de contenção para não vir a tornar-se um Nero. De fato, aquilo que a meu ver se nominou aquilo que constitui a essência de Nero talvez te pareça que eu use uma palavra muito suave, mesmo que de outro ponto de vista jamais julgo alguém. Mas, creia-me: a expressão não é tão suave, é a precisa; pode mostrar ao mesmo tempo com que facilidade alguém possa ser presa de tal desordenamento. Assim, pode-se dizer que todo homem que não leva toda sua vida como um menino, chegue em certo momento em que surja o pressentimento de que, mesmo que vago, desse desastre. A essência de Nero era a Melancolia. Em nossa época, ser melancólico adquiriu certo significado de grandeza; por isso, compreendo como possas considerar essa expressão muito branda. Retomo uma velha doutrina da Igreja que qualificava a melancolia entre os pecados mortais. Se tenho razão, será uma explicação bastante desagradável para ti, pois inverte totalmente tua concepção da vida. Como prudência, observo logo que um homem pode ter preocupações e dores, e tão grandes a ponto de acompanhá-lo vida afora, e que mesmo assim esse fato pode ser belo e autêntico; mas um homem só se torna melancólico por causa de uma culpa especial.

Quero figurar então o libertino imperial. Não só quando se assenta no trono ou procura a assembleia é circundado de lictores; é melancólico especialmente quando sai para satisfazer seus prazeres, para que preparem a estrada para suas incursões. Imagino-o um pouco mais velho, sua juventude já se foi, sua descontração já desapareceu, e ele já experimentou quase todos os prazeres possíveis e está enfadado. Essa vida, por mais corrompida, possa estar, amadureceu seguramente sua alma, mas apesar de toda sua experiência mundana, ele continua sendo um menino e um rapazinho. A imediatez do espírito não consegue achar uma passagem, e no entanto exige essa passagem, exige uma forma superior de existência. Mas para que isso aconteça, seria necessário um momento no qual o esplendor do trono, a

sua potência e a sua fortuna empalideceriam; e ele não tem força para chegar a esse ponto. Então se lança ao prazer, toda a inteligência do mundo deve debater-se para inventar novos prazeres, pois ele só encontra paz no momento do prazer e, quanto este passou, cai largado e esgotado. O espírito se esforça continuamente em avançar, mas não consegue abrir passagem porque é sempre de novo enganado, e ele procura oferecer-lhe a saciedade do prazer. Então o espírito se adensa nele como uma nuvem, cuja ira lança sua fúria sobre sua alma e se transforma enfim numa angústia que não cessa nem no instante do gozo. Veja, por isso que seu olho é tão sombrio que ninguém consegue fixá-lo, por isso seu olhar é tão lampejante que aterroriza; de fato atrás do olho está a alma, como uma treva. O diga um olhar imperial, e o mundo inteiro trama diante disso, e no entanto sua essência mais íntima é a angústia. Uma criança que o olhasse de maneira diferente daquela em que está acostumado, um olhar casual poderia aterrorizá-lo como se aquele homem o exorcizasse; de fato, nele o espírito quer abrir uma passagem, quer que ele possua a si mesmo na sua consciência, enquanto não o pode, e o espírito é jogado para trás adensando nova ira. Ele não é si mesmo; é só quando o mundo treme diante dele que ele se aquieta; pois, então, não há ninguém que possa ousar atacá-lo. Daí procede aquela angústia frente aos homens, que Nero tem em comum com qualquer personalidade desse tipo. É como possesso, prisioneiro de si mesmo, e por isso lhe parece que qualquer olhar queira amarrá-lo. Ele, o imperador de Roma, pode ficar aterrorizado de frente ao olhar do mais miserável dos escravos. Se se confronta com semelhante olhar, seu olho destrói o homem que ousou olhá-lo. O imperador é sempre acompanhado por um patife: ele compreende aquele olhar e aniquila aquela pessoa. Nero, mesmo, não tem nenhum assassinato em sua consciência, mas seu espírito tem nova angústia. Só se distrai no instante do prazer. Incendeia meia Roma, mas seu tormento não muda. Logo, tal espetáculo não mais o deleita. Existe um prazer maior, quer torturar algumas pessoas. É um enigma também para si, e sua essência é a angústia; agora quer ser um enigma para todos e gozar e deleitar-se de sua angústia. É isso que faz nascer aquele sorriso imperial que ninguém conseguem compreender. Os cortesãos se aproximam do trono, ele lhes sorri amigavelmente, e no entanto são tomados por uma terrível angústia. Talvez esse sorriso seja uma condenação à morte, talvez o solo se rache e eles mergulhem no precipício. Uma mulher se aproxima do trono e ele lhe sorri benignamente e ela quase desmaia de angústia: com esse sorriso, talvez ele a escolheu previamente como vítima de sua deliberação libidinosa. Essa angústia o diverte. Não avança superbamente em sua dignidade imperial; arrasta-se débil,

impotente, porque essa fraqueza aterroriza melhor. Parece um moribundo, seu respiro é débil, e, no entanto, é o imperador de Roma e tem em suas mãos a vida das pessoas. Sua alma está cansada, apenas o espírito e o jogo intelectual conseguem vivificá-la por um instante. Mas o que oferece o mundo quase já exauriu qualquer interesse, e no entanto ele não consegue respirar e se cala. Poderia mandar assassinar uma criança diante do olhar da mãe, só para ver se o desespero dela daria nova expressão à paixão, de modo a deleitá-lo. Se não fosse o imperador de Roma poderia colocar um fim a sua vida com o suicídio; mas na verdade o suicídio de um homem tem o mesmo significado que o desejo de Calígula, que todas as cabeças dos homens fossem colocadas sobre um único pescoço, para poder aniquilar com um só golpe o mundo inteiro, e se um homem tira a si mesmo a vida...

Mas que coisa é a melancolia? É a histeria do espírito. Na vida de uma pessoa chega o instante em que a imediaticidade, para dizer assim, tornou-se madura, e onde o espírito exige uma forma mais alta na qual possa abraçar a si mesmo como espírito.

Como espírito imediato, o homem está ligado à vida terrena em sua totalidade, e agora, por dizer assim, o espírito quer se recolher dessa dispersão e esclarecer a si mesmo: a personalidade quer tornar-se consciente de si em sua validade eterna. Se isso não acontece, se o movimento é impedido e reprimido, então adentra a melancolia. Muita coisa se pode fazer para esquecê-la, pode-se trabalhar, recorrer a meios mais inocentes que os de Nero, mas a melancolia se mantém. Tem algo de inexplicável na melancolia. Quem anda preocupado e abatido sabe porque se preocupa e se mortifica. Mas se se perguntar a um melancólico qual o motivo de estar assim, o que o oprime, ele responderá que não sabe, não conseguirá explicar. E é nisso que está a infinitude da melancolia. A resposta do melancólico é perfeita: de fato, ele não só perscruta sua melancolia, ela desaparece, enquanto que as preocupações do preocupado não desaparecem pelo fato de ele saber sobre o que se preocupa. Mas a melancolia é um pecado, e assim, é propriamente o pecado *instar omnium*; de fato, é o pecado de não querer profunda e intimamente, e essa é a origem de todos os pecados.

A imediaticidade é a felicidade, porque nela não há contradições: o imediato é essencialmente feliz e a concepção da vida própria da imediaticidade é a felicidade. O imediato não consegue compreender a infelicidade, mas apenas senti-la; assim, a infelicidade é mais forte que ele, e essa relação com a paixão-fantasia da imediaticidade é o desespero.

Há um último estágio da concepção estética da vida, o mais difícil e o mais nobre de todos... a última concepção da vida é o próprio desespero. É uma concepção estética porque a personalidade permanece na própria imediaticidade; é a última

concepção estética da vida, porque até centro grau tornou-se consciente da nulidade da concepção...

Mas há desespero, e desespero. Se imagino um artista, por exemplo, um pintor que se torna cego: é provável que ele caia em desespero se não possui em si algo de mais profundo. Então desespera-se por um fato particular, e se recuperasse a visão cessaria também seu desespero. Não é esse o teu caso. És por demais dotado espiritualmente, e tua alma, num certo sentido, é por demais profunda para que algo semelhante possa te ocorrer. Exteriormente nada te aconteceu. Tens presente ainda todos os momentos próprios de uma concepção estética da vida; tens meios; és independente, a tua saúde é excelente, teu espírito ainda está vivo, tampouco te tornaste infeliz porque uma garota rejeitou teu amor. E no entanto estás desesperado. Não é um desespero atual, mas um desespero do pensamento. Teu pensamento avançou, penetraste todas as vaidades mas não foste além. De vez por outra, mergulhas nelas, e se por algum instante te abandonas no gozo, no mesmo instante descobres a vaidade. Assim estás constantemente fora de ti, ou seja, no desespero. Essa existe porque tua vida foi colocada entre dois enormes contrastes: às vezes dispõe de uma enorme energia, às vezes uma indiferença igualmente enorme.

A dúvida é o desespero do pensamento. O desespero é a dúvida da personalidade... A dúvida é o movimento interno do próprio pensamento, e na minha dúvida comporto-me de maneira mais impessoal possível. O desespero é uma expressão por demais profunda e completa, seu movimento é muito mais vasto do que aquele da dúvida. O desespero é, pois, uma expressão da personalidade no seu todo, a dúvida o é apenas do pensamento... Assim, a dúvida reside na multiplicidade, o desespero no absoluto.

Muitas vezes, disseste querer ser no mundo qualquer coisa, menos um poeta, porque, via de regra, uma existência de poeta é um sacrifício humano. Por mim, não quero negar terem existido poetas que encontraram a si mesmos antes de começarem a poetar; mas, por outro lado, também é certo que uma existência de poeta, enquanto tal, está na obscuridade, e por conseguinte não se realiza no desespero: a alma treme constantemente nesse, enquanto o espírito não consegue encontrar sua verdadeira explicação. O ideal poético é sempre um ideal não verídico; de fato, o ideal verdadeiro é sempre real. Se ao espírito não é dado elevar-se ao mundo eterno do espírito, se detém a meio caminho e rejubila nas imagens espelhadas nas nuvens, chorando por causa de sua caduquice. Uma existência infeliz é colocada acima do finito, e todavia não é o infinito. O poeta vê os ideais, mas deve fugir do mundo para gozar dos mesmos,

não pode suportar junto de si essas imagens divinas no tumulto do mundo, não pode avançar tranquilo por sua estrada imune da caricatura que o circunda; menos ainda tem a força de realizar esses ideais na vida... mas se não queres ser poeta, para ti não há outro caminho se não a que te indico: desespera!

Escolhe, portanto, o desespero, porque isso mesmo é uma escolha: pode-se duvidar sem haver escolhido, mas não se pode desesperar sem ter escolhido. Duvidando, escolhe-se de novo. O que é que se escolhe? A si mesmo, mas não na própria imediaticidade, não enquanto indivíduo casual, mas escolhe-se a si mesmo na validade própria eterna.

Em geral, não se pode desesperar se não se quer isso: para desesperar é preciso querer isso. Mas se se quer de verdade, na verdade se está fora do desespero; se em verdade se escolheu o desespero, na verdade se escolheu a escolha do desespero: escolheu-se a si mesmo na própria validade eterna. É só no desespero que a personalidade é aplacada, não segundo a necessidade, porque jamais desespero por necessidade, mas segundo a liberdade, e é só aqui que se encontra o absoluto... Já não está longe o tempo em que, talvez pagando um alto preço, se poderá experimentar que o verdadeiro ponto de partida para encontrar o absoluto não é a dúvida, mas o desespero.

Escolhendo em absoluto, escolho o desespero, e, no desespero, escolho o absoluto porque eu próprio sou o absoluto, eu ponho o absoluto e sou eu mesmo o absoluto; por isso, também posso dizer: escolho o absoluto que me escolhe, ponho o absoluto que me põe.

Mas o que é isso, pois, que escolho: isso ou aquilo? Não, porque escolho em absoluto, e assim sendo, escolho em absoluto porque escolhi de não escolher isso ou aquilo. Escolho o absoluto. E o que é o absoluto? Eu mesmo, na minha validade eterna. Jamais poderei escolher algo diverso de mim mesmo como absoluto, porque se escolhesse outra coisa escolheria algo finito e assim não escolheria em absoluto.

Mas o que é o meu si mesmo? Se devesse escolher primordialmente uma expressão para isso, responderia: é a coisa a mais abstrata de todas e, no entanto, contemporaneamente é em si a mais concreta – é a liberdade.

No desespero, pois, escolho a mim mesmo. Por isso, se desespero, desespero também de mim mesmo, como de qualquer outra coisa; mas o mim mesmo de que desespero é um finito como qualquer outro finito, o meu mim mesmo que escolho é absoluto mim mesmo, ou o mim mesmo na sua validade absoluta...

Desespera, portanto, e a tua mobilidade jamais de induzirá a vagar como um espírito irrequieto, como um fantasma entre os escombros de um mundo que para

ti está perdido; desespera, e teu espírito irrequieto não mais suspirará, vítima da melancolia, porque o mundo te aparecerá belo, mesmo que o olhares com olhos diferentes dos de antes e o teu espírito se elevará livre no mundo da liberdade.

O ético só realiza aquele desespero que o estético, mesmo no estágio mais elevado, apenas atinge.

O *aut aut* eleva os homens acima dos anjos.

O que me introduz no meu *aut aut* é a ética. Por isso, ainda não se fala da escolha de alguma coisa, não da realidade da escolha, mas da realidade de escolher. Mas esse é o fato decisivo, e quero fazer-te ciente disso. Até esse ponto, uma pessoa pode ajudar a outra; mas quando se chega aqui, diminui a importância que uma pessoa pode ter para a outra. Numa carta anterior eu observava que: ter amado dá à essência do homem uma harmonia que jamais se perderá. Quero dizer, pois, que o escolher confere à essência do homem uma solenidade, uma dignidade serena que jamais se poderá perder. Há muitas pessoas que consideram extraordinariamente importante ter uma vez na vida visto cara a cara um grande homem. Jamais se esquecem dessa impressão, pois ele impingiu em sua alma uma imagem ideal que enobrece a essência; e no entanto, também esse momento, por mais importante que seja, nada é frente ao momento da escolha. Quando tudo ao redor do homem se tornou quieto, solene como uma noite clara e estrelada, quando a alma está só consigo mesma no mundo inteiro, não é um homem fora do comum que se lhe apresenta, mas a própria potência eterna – como se o céu se abrisse – e o eu escolhe a si mesmo, ou antes acolhe a si mesmo. Então a alma viu o altíssimo, que nenhum olho mortal pode ver e que jamais poderá ser esquecido; então a personalidade recebe a investidura que a enobrecerá para a eternidade. O homem não se transformará em algo distinto do que era antes, mas permanecerá o mesmo. Como um herdeiro, mesmo que fosse o herdeiro de todos os tesouros do mundo, não irá tomar posse deles até alcançar a maioridade, a mais rica personalidade nada é até ter escolhido a si mesma, enquanto que, de outro lado, a personalidade mais pobre é tudo, quando escolheu a si mesma. De fato, a grandeza não consiste em ser isso ou aquilo, mas no ser si mesmo; e todo e qualquer homem, se quiser, pode sê-lo.

A escolha estética é totalmente imediata, e no entanto não é uma escolha, ou se perde na multiplicidade. Por isso, se uma moça segue a escolha de seu coração, por mais bonito que possa ser no restante, essa escolha não é uma verdadeira escolha porque é totalmente imediata. Se um homem considera esteticamente uma

série de tarefas da vida, não chega facilmente a um *aut aut*, porque o elemento de autodeterminação na escolha aqui não é acentuado eticamente e porque, se não se escolhe em absoluto, escolhe-se apenas para o instante, e assim no instante sucessivo se poderia escolher algo diverso.

O meu *aut aut* não significa a escolha entre bem e mal, mas a escolha pela qual se quer colocar-se ou não colocar-se frente à antítese bem e mal. O problema é sob que ponto de vista se quer considerar e viver a própria existência. Quem se coloca frente à antítese bem e mal escolhe, sim, mas apenas o que se mostrará em seguida; na verdade, o estético não é o mal, mas a indiferença, e assim, como já disse, a escolha se afirma pelo ético. Ora, nessa escolha ainda não se escolhe se se quer o mal ou o bem, escolhe-se apenas querer; e desse modo coloca-se a própria antítese. Quem escolhe o ético, escolhe o bem, mas esse bem é completamente abstrato. É verdade que assim já está colocada sua existência, mas não evita necessariamente que quem escolhe não possa, pois, escolher o mal, mesmo se escolheu o bem.

O bem existe porque eu o quero, de outro modo não existe; é expressão da liberdade. O mesmo também se pode dizer do mal; só existe se eu o quero. Com isso, de fato não se diminui a determinação do bem e do mal, nem se a degrada a uma determinação meramente subjetiva. Ao contrário, exprime-se assim a validade absoluta dessa determinação. O bem é o **ente em si e por si**, colocado do **ente em si e por si**, e essa é a liberdade. Onde aparece, pois, a diferença entre bem e mal? Essa diferença pode ser pensada, ou seja, será que existe pelo pensamento? Não. Quando penso, coloco-me necessariamente em relação com o que penso, mas não é isso que coloca a diferença entre bem e mal. Pensa em qualquer coisa, na mais abstrata de todas as categorias, pensa a mais concreta: jamais pensarás sob a determinação de bem e mal; pensa em toda a história e pensarás o movimento necessário das ideias, mas jamais pensarás sob a determinação de bem e mal. Pensas sempre apenas diferenças relativas... Enquanto penso também me torno infinito, mas não absoluto, porque desapareço no absoluto; é só escolhendo a mim mesmo em absoluto que coloco a mim mesmo de modo absolutamente infinito, porque eu mesmo sou o absoluto e só posso escolher em absoluto a mim mesmo, e essa escolha absoluta de mim mesmo e a minha liberdade. É só tendo escolhido a mim mesmo em absoluto coloquei uma diferença absoluta, ou seja a diferença entre bem e mal.

Quero recordar aqui a definição apresentada antes do ético; segundo ela, o ético é aquilo por meio do qual o homem devém aquilo que devém. Isso não quer fazer do indivíduo algo diverso do que é; também não quer aniquilar o estético, mas explicá-

lo. Se um homem deve viver eticamente, é necessário que se torne consciente de si mesmo e tão completamente que não lhe escape nenhuma casualidade. O ético não quer destruir essa sua concreteness, mas vê nela sua tarefa, vê aquilo de que deve formar e o que deve formar.

Em geral, considera-se o ético de modo totalmente abstrato e assim sente-se um medo secreto terrível. O ético é considerado como algo de estranho à personalidade e a gente se nega de abandonar-se a ele, pois não se tem nenhuma certeza quanto à meta a que poderia nos guiar com o tempo. Assim, muitas pessoas têm medo da morte porque só têm ideias obscuras e confusas do fato de que a alma, com a morte, entrará numa outra ordem de coisas, onde as leis dominantes serão totalmente distintas das que são conhecidas neste mundo. A origem do medo da morte vem da repugnância do indivíduo de tornar-se transparente a si mesmo; pois, querendo, fica fácil divisar o sentido desse temor. Assim é para o ético; se um homem tem medo da transparência, foge sempre do ético, que na verdade só quer a transparência.

O ético é definido como o dever, e o dever, por seu lado, como uma soma de preceitos; mas o individual e o ético sempre se opõem como estranhos. Naturalmente a vida do dever é muito desagradável e enfadonha; e se o ético não tivesse um nexo bem mais profundo com a personalidade, seria sempre muito difícil sustentá-lo frente ao estético. Não quero negar haverem tais pessoas que não vão além disso; mas isso não depende do dever, mas da pessoa.

É bem estranho que com a palavra **dever** se pense usualmente numa relação extrínseca, enquanto que a origem dessa palavra indica uma relação intrínseca; o que me convém, o que eu devo, não como indivíduo empírico, mas conforme a minha verdadeira essência, é uma relação estreitíssima comigo mesmo. De fato o dever não é um encargo, mas algo que nos convém. Se o dever é visto assim, é sinal que o indivíduo se orienta em si mesmo. Para essa pessoa, o dever não se estilhaçará numa série de determinações singulares, pois estas indicam sempre que, frente a essas, ele pode encontrar-se numa relação exterior. Por assim dizer, ele é revestido de seu dever, pois nele o dever é a expressão de sua essência íntima. Quando a pessoa está assim orientada em si mesma, está imersa no ético e não constrangida a recorrer pressurosamente a seus deveres. Por isso, o verdadeiro indivíduo ético tem em si mesmo calma e segurança, pois não tem deveres fora, mas apenas dentro de si. Quanto mais eticamente uma pessoa impostou sua vida, tanto menos sentirá o impulso de falar continuamente do dever, atormentar continuamente a si mesmo para determinar se cumpre ou não, a aconselhar-se continuamente com os outros sobre o que seria

seu dever. Visto corretamente, o ético torna o indivíduo infinitamente seguro em si mesmo, em caso contrário torna-se sempre inseguro, e não consigo imaginar uma existência mais infeliz e atormentada que de uma pessoa que vê o dever fora de si, querendo mesmo assim realizar constantemente o dever.

Se o ético é visto fora da personalidade e numa relação exterior com essa, significa que se renunciou a tudo; nesse caso estamos desesperados. O estético enquanto tal é desespero. O ético é abstrato, e enquanto tal não tem poder para produzir a mínima coisa. Por isso, quando vemos pessoas que, com certo zelo honesto se apressam em realizar o ético, que continua a fugir como uma sombra logo que esses estendem a mão para apanhá-lo, o espetáculo é cômico e trágico ao mesmo tempo.

... É só quando o próprio indivíduo é o universal, que se pode realizar o ético. Eis o segredo da consciência, eis o segredo que a vida individual guarda consigo: de ser concomitantemente o individual e o universal; e ainda se não for imediatamente como tal, o é pelo menos segundo a possibilidade. Quem considera a vida eticamente, vê o universal e quem vive eticamente, exprime em sua vida o universal, faz de si mesmo uma pessoa universal, não porque se desfaça de sua concretude, porque nesse caso se tornaria um nada, mas porque a assimila e a compenetra com o universal.

O dever é o universal que me é exigido; ora, se eu não sou o universal, não posso tampouco cumprir o dever. De outro lado, o meu dever é o singular, algo somente para mim, e no entanto é dever, a saber, o universal. Aqui a personalidade atinge sua validade suprema. Essa não é sem lei, nem dá a si mesma a sua lei; de fato, subsiste a determinação do dever, mas a personalidade aparece como a unidade entre o universal e o singular.

O ético assedia a todo instante o singular, pedindo-lhe para existir eticamente; não se vangloria de milhões e de gerações, não toma a humanidade em bloco, assim como a polícia não pode prender a humanidade inteira. O ético está às voltas com o homem singular: bem compreendido, com cada homem singular.

O ético enquanto absoluto é infinitamente válido em si mesmo e não tem necessidade de um acessório para se sobressair. Mas esse acessório é perigoso, pois a historicidade do mundo, no qual o ético, como a natureza, segundo a palavra do poeta, serve humildemente à lei da gravidade.

O verdadeiro entusiasmo ético consiste numa plenitude da vontade, acompanhada de uma despreocupação divina, pela qual não se preocupa dos resultados que poderá conseguir. Se a vontade começa a demorar-se morosamente nos resultados, o

indivíduo torna-se imoral... Uma personalidade ética autêntica conduziria sua própria vida de modo a realizar plenamente a si mesma, e fazendo assim também poderia alcançar sucessos práticos notáveis; mas, aos seus olhos, esses não revestiriam nenhuma importância, pois essa sabe muito bem que o mundo externo não está sob seu poder, nem em sendo positivo nem em sendo negativo.

Por isso, se o indivíduo ético cumpriu sua tarefa, se combateu o bom e justo combate, chegou a ser o homem singular, o que significa que se tornou o homem individual e ao mesmo tempo universal. Ser o homem singular, em si e por si, não é pois, grande coisa, visto que qualquer um já a tem em comum com qualquer produto da natureza; mas ser isso de tal modo a ser concomitantemente o universal: eis aí a verdadeira arte de viver.

A personalidade, assim, não tem o ético fora de si, mas em si mesma, e isso provém dessa profundidade. Isso, como foi dito, só tem validade quando não se aniquila o concreto numa tempestade abstrata e vazia de conteúdo, mas antes se o torna próprio.

Se considero a vida eticamente, considero-a segundo sua beleza... Não tenho necessidade de perambular pelo país ou de esquadrinhar pelas estradas a fora para encontrá-la, não preciso distinguir ou rejeitar... Se por acaso tenho uma hora livre, me coloco à janela e fico observando as pessoas, e vejo cada pessoa segundo a sua beleza. Por mais insignificante, por mais mesquinha que seja, vejo-a segundo sua beleza, porque a vejo como essa pessoa singular que é, no entanto, concomitantemente uma pessoa universal. Vejo-a como aquela que tem uma missão concreta na vida; mesmo que seja o servo mais humilde, não existe por meio de outro; tem em si mesmo sua teleologia, realiza sua missão – vence: e é isso que vejo; o homem corajoso não vê fantasmas mas heróis vitoriosos; o vil não vê heróis mas apenas fantasmas. Esse deve vencer, estou certo, por isso sua luta é bela... por essa fé vejo a beleza da vida; e a beleza que vejo não tem aquele caráter patético e melancólico que é inseparável de toda a beleza da natureza e da arte, inseparável, enfim, da juventude eterna dos deuses gregos. A beleza que vejo é alegre, é vitoriosa e é mais forte que todo o mundo. E essa beleza eu a vejo por toda parte, mesmo ali onde teu olho nada vê.

Quando se explorou toda a existência, então se deverá mostrar ter coragem de compreender que a vida é uma repetição, e de ter vontade de alegrar-se por essa... E que seria a vida se não houvesse repetições? Quem quereria desejar ser uma tábua na qual a todo instante o tempo traça um novo escrito, ou desenha uma recordação

do passado? Quem poderia desejar de deixar-se comover por tudo que é fugidio, que é novo, que delicia a alma apenas com a suavidade?

Quem só quer esperar é um vilão; quem apenas quer recordar é um luxurioso, mas quem quer a repetição é um homem, e quanto mais solidamente souber compreendê-lo, tanto mais profundo é.